



r o m a n c e



A Babá



LANA FERGUSON

GZOBOLIVROS

LANA FERGUSON

A
Babá

Tradução: Gabriela Peres Gomes

GZOBOLIVROS

LANA FERGUSON é uma nerd orgulhosa e defensora do movimento *sex positive* desde que leu seu primeiro romance erótico, aos quinze anos. Quando não está escrevendo, gosta de debater qual das versões do Batman é a mais irada e convencer seus amigos a lerem todos os volumes de *O senhor dos anéis*. Ela vive a maior parte do tempo dentro de sua própria imaginação, mas, nos intervalos, aproveita para passear com seu corgi.

SUMÁRIO

[Pular sumário \[»»\]](#).

[Dedicatória](#)

[1 – Cassie](#)

[2 – Cassie](#)

[3 – Cassie](#)

[4 – Aiden](#)

[5 – Cassie](#)

[6 – Cassie](#)

[7 – Cassie](#)

[8 – Aiden](#)

[9 – Cassie](#)

[10 – Cassie](#)

[11 – Cassie](#)

[12 – Aiden](#)

[13 – Cassie](#)

[14 – Cassie](#)

[15 – Cassie](#)

[16 – Aiden](#)

[17 – Cassie](#)

[18 – Cassie](#)

[19 – Cassie](#)

[20 – Aiden](#)

[21 – Cassie](#)

[22 – Cassie](#)

[23 – Cassie](#)

[24 – Aiden](#)

[25 – Cassie](#)

[26 – Cassie](#)

[27 – Cassie](#)

[Epílogo – Aiden](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

*Para minha querida mãe, que certa vez me perguntou:
“Será que não era melhor você escrever uns livros infantis?”.*

Prometi a mim mesma que não ficaria nervosa.

Eles não podem me ver, então por que meu coração está tão acelerado?

Arrumo a câmera pela quarta vez, ajusto o ângulo e em seguida dou mais uma conferida no que estou vestindo — um sutiã bonitinho e uma calcinha combinando. O que vem depois não é uma novidade. Nada que eu já não tenha feito milhares de vezes.

A diferença é que, dessa vez, terei uma plateia invisível e receberei dinheiro em troca.

Respiro fundo e lembro a mim mesma que preciso dessa grana. O corpo é meu, e estou tomando as rédeas dele. Todas as decisões a partir desse ponto cabem a mim. Estou no controle da situação.

Pensar assim me enche de coragem.

Respiro fundo outra vez. Ajeito a peruca. Arrumo a máscara.

Eu consigo.

Então, ligo a câmera.

Cassie

— VOU TER QUE morar debaixo da ponte.

Ouço Wanda soltar um muxoxo lá da cozinha (que nem fica tão longe assim, já que o apartamento dela tem só setenta metros quadrados) e, quando levanto o rosto do veludo puído do sofá, eu a vejo sacudir uma espátula na minha direção.

— Pode parar com o chororô — retruca. — Você não vai morar debaixo da ponte. Se for o caso, pode até dormir no meu sofá.

Torço o nariz para o veludo puído e então meu olhar recai sobre os jornais empilhados na extremidade oposta do sofá antes de pousar na televisão, envolta por um revestimento de madeira, uma sobrevivente que se recusa a entregar os pontos.

— Eu não quero... incomodar — respondo hesitante, sem querer ferir os sentimentos dela. — Vou dar um jeito.

Estou no terceiro ano de especialização em terapia ocupacional, e, a essa altura do campeonato, perder o emprego no hospital infantil não estava nos planos. O salário mal dava para pagar o aluguel, mas depois das demissões em massa, a possibilidade de manter meu apartamentinho do outro lado do corredor parece cada vez mais distante.

— Deixe de besteira — protesta Wanda. — Você sabe que é mais do que bem-vinda aqui.

Afasto uma mecha acobreada do rosto e me ajeito nas almofadas. Já faz uns seis anos que conheço Wanda Simmons; nos aproximamos logo na minha primeira semana aqui, quando ela me viu trancada do lado de fora do apartamento e me convidou para tomar um chá. Ter uma mulher de setenta e dois anos como melhor amiga não era muito bem o que eu tinha

em mente, mas desconfio que ela seja a mais interessante de nós duas, então acho que só me resta aceitar as coisas como são.

— Wanda — continuo, com um suspiro. — Você sabe que eu amo você, mas... aqui só tem um banheiro e nem pega wi-fi. Nunca daria certo entre nós.

— É por causa da diferença de idade, não é? — pergunta ela, fazendo beicinho.

— Claro que não. Você sempre será a única mulher do mundo para mim.

— Bom, saiba que a oferta de morar aqui ainda está de pé.

— E como vai ser quando você quiser trazer os caras do bingo para casa e der de cara comigo aqui no sofá?

— Ah, mas não vamos atrapalhar você. Pode deixar que iremos direto para o quarto.

Faço uma careta.

— Olhe só, eu superapoio você sair arrastando as asas por aí, mas as paredes do apartamento são finíssimas, e eu é que não quero estar aqui para ouvir.

Wanda solta uma risadinha enquanto mexe as almôndegas no molho.

— Em último caso, você pode voltar a fazer os vídeos de peitinho.

Solto um grunhido.

— Por favor, não chame de “vídeos de peitinho”.

— Ué. São vídeos. Você mostra os peitinhos. E é paga por isso.

Torno a afundar o rosto no veludo do sofá. Estou um pouco arrependida de ter contado a Wanda sobre meu... *histórico* com o OnlyFans, mas como é que eu ia imaginar que a tequila bateria mais forte em mim do que nela naquela noite em que falei pelos cotovelos? Não que eu me envergonhe dos vídeos, de jeito nenhum. Era uma graninha boa. Quando percebi que não teria como pagar as mensalidades do curso, tirar dinheiro de pessoas que só queriam bater umazinha não pareceu uma decisão tão difícil assim. Nada mais justo do que fazer os peitos bonitos garantirem o próprio sustento. Acho que Margaret Thatcher disse algo do tipo uma vez.

— Você sabe que não posso fazer isso — respondo, resignada. — Deletei minha conta. Todos os meus assinantes se foram. Levaria mais uns dois anos para reconstruir tudo do zero.

Além do mais, aprendi minha lição da primeira vez. Mas pelo menos guardei *essa* parte só para mim.

— Então, o que você pretende fazer? Já começou a procurar outro emprego?

— Estou tentando — resmungo com os olhos fixos no celular conforme vasculho os anúncios de vaga que, em geral, não dão em nada. — Por que eles anunciam a vaga se nunca respondem?

— Tem gente demais nesta cidade — resmunga Wanda. — Sabe, quando me mudei para cá, parecia que tinha um conhecido em cada esquina. Agora é quase uma colmeia lá fora. Um zum-zum-zum de pessoas para lá e para cá. Sabia que tem um mercadinho onde a gente nem precisa passar no caixa? É só entrar, pegar as coisas e ir embora. Fiquei me sentindo uma ladra o tempo todo. Meu coração chegou a palpitar.

— Sim, a gente conversou sobre a nova loja Fresh, lembra? Eu ajudei você a criar uma conta.

— Ah, verdade. Daqui a pouco as compras de mercado vão vir voando até a nossa porta.

— Olhe só, Wanda, não é por nada, não, mas isso meio que já existe.

— Jura? Hum. Então me ajude a criar uma conta nisso aí também. Assim me poupa o trabalho de caminhar até lá.

— Pelo jeito você não é tão avessa ao futuro, hein?

— É, é. Que seja. E aquela lanchonete na avenida principal?

— Não vão me deixar sair a tempo para as aulas da pós.

— Sabe, esses dias o Sal comentou que estava precisando de uma ajudinha com...

— Eu não vou trabalhar na mercearia — corto logo de cara. — Sal é o rei da mão-boba.

— Eu sempre gostei disso nele — comenta Wanda, com um risinho.

— Você não está muito velha para ser tarada assim?

— Ora, Cassie — retruca ela. — Eu estou velha, não morta.

— Não sei mais o que fazer, *juro* — resmungo.

— Dê mais uma olhadinha nas vagas de emprego. Talvez tenha deixado passar alguma coisa.

— Já olhei dezenas de vezes — respondo, exasperada.

Enquanto Wanda continua tagarelando da cozinha, dou mais uma chance aos anúncios de emprego. Talvez, se eu vasculhar fundo o bastante,

uma vaga milagrosa vai saltar da tela. Não é possível que seja tão difícil arranjar um emprego em que eu tenha as noites livres para me dedicar aos trabalhos da pós e dois fins de semana de folga por mês para ir às aulas no campus. Sabe, estamos em San Diego, não em Santa Barbara. Deve haver *alguma coisa* que eu possa...

— Puta merda — deixo escapar de repente.

Wanda sai da cozinha com a espátula em riste.

— O que foi?

— *Procura-se: babá residente para trabalhar em período integral. É imprescindível ter experiência com crianças. Hospedagem e alimentação inclusas. Só entre em contato se realmente tiver interesse.*

Wanda bufa.

— Ora, você não vai querer ficar presa nessa vida de cuidar de outra pessoa...

— *Salário inicial...* Puta merda.

— É bom?

Eu a encaro boquiaberta e, quando lhe conto o valor que estão oferecendo, Wanda solta um xingamento que ela normalmente reserva para quando os Lakers perdem uma partida. Em seguida, dá um suspiro e afofa os cachos brancos com aquele jeito agitado que ela tem.

— Bem, acho melhor você ligar logo para eles.

Jamais imaginei que Aiden Reid responderia ao meu e-mail com tamanha rapidez e certamente jamais cogitei que ele ficaria tão ansioso em marcar logo a data para a entrevista. Aliás, eu com certeza não esperava que ele fosse sugerir que eu o encontrasse em um dos restaurantes mais chiques da cidade — um lugar que não é para o meu bico, já que não tenho nem o dinheiro nem as roupas certas para pisar lá. É assim que os ricos conduzem entrevistas de emprego? Duvido muito que Sal me levasse a um restaurante cinco estrelas só para me convencer a fatiar os frios na mercearia enquanto passa a mão na minha bunda “sem querer”.

Ainda assim, coloquei meu vestido preto favorito, um bem ajustado ao corpo que usei na formatura da faculdade, e espero que ele transmita o ar de mulher bem-resolvida que certamente não vou ser capaz de passar por conta própria. Estou começando a desconfiar que essa família seja mais

endinheirada do que eu imaginava, então acho que fingir ter um pouquinho mais de confiança viria bem a calhar.

Quer dizer, eu adoro crianças. Quando trabalhei no hospital infantil, descobri que elas riem de todas as minhas piadas ruins, o que é outro ponto positivo. Isso sem contar que minha principal motivação para virar terapeuta ocupacional é tentar ser aquela pessoa que ajuda as crianças quando elas estão sozinhas, então trabalhar como babá deve ser moleza, certo?

Bem, ao menos é disso que estou tentando me convencer.

Posso jurar que a atendente percebeu que estou usando um perfume de baunilha barato — um sinal claro de que não posso bancar nem um mísero aperitivo neste restaurante —, mas ela trata de abrir um sorriso, o que é bem legal da parte dela, e me conduz a uma mesa quando lhe digo o nome do meu futuro patrão. É assim que as pessoas importantes se sentem? Acomodo-me na cadeira forrada de seda, sentindo-me um peixe fora d'água naquele ambiente repleto de velas acesas e músicas elegantes. Ah, droga. Vou ter que ficar me policiando para não apoiar os cotovelos na mesa.

Um garçom vem perguntar se quero pedir uma entrada, e como a atendente de olhar julgador estava certa em relação à minha conta bancária, limito-me a pedir um copo d'água. Dou alguns golinhos enquanto espero o tal de Aiden dar as caras (não é falta de educação chegar atrasado para a entrevista que ele mesmo marcou?) e me esforço para manter a pose, como se frequentasse esse tipo de lugar o tempo todo.

Eu nunca tinha pisado em um restaurante tão refinado na vida, nem mesmo tinha visto tantos centros de mesa de cristal reunidos em um só ambiente. Wanda ficaria maluquinha se visse os preços no cardápio. Não vejo a hora de contar tudo a ela mais tarde. Aposto que vai ficar de queixo caído.

— Com licença — murmura uma voz grave, tão perto do meu ouvido que chego a engasgar.

Um filete de água escapa pelo meu lábio inferior e escorre pelo queixo enquanto tusso, e trato de esfregar a boca para tentar enxugar tudo. Com a visão um pouco embaçada, avisto um par de mãos grandes e, em seguida, um rosto.

Put. Merda.

Meu cérebro entra em pane por alguns segundos enquanto tento entender de onde surgiu aquele homem grandalhão com cabelos castanhos fartos, maxilar definido e maçãs do rosto proeminentes e... espere aí, por que a boca dele parece mais macia do que a minha? Para melhorar, ele é alto. Não alto o bastante para alguém pensar que é jogador de basquete ou algo do tipo (mas sem dúvida poderia ser se quisesse), apenas o suficiente para dar aquela vontade de pedir que pegue algo no topo da prateleira só para você poder observar os ombros desenhados sob a camisa. Logo percebo que essa linha de raciocínio nem faz muito sentido, mas tudo o que sei é que tenho 1,70 de altura e peitos tão lindos que as pessoas pagam para ver, uma bunda esculpida por agachamentos e um amor incondicional por pães, e ainda assim esse homem faz com que eu me sinta minúscula.

E se isso já não bastasse para me deixar perplexa (cheguei até a babar a água que estava bebendo, sabe?), os olhos dele seriam a cartada final. Eu já tinha ouvido falar de heterocromia; acho que um professor de biologia mencionou isso de passagem em uma das aulas da faculdade, mas nunca tinha visto ao vivo. Os olhos dele têm cores diferentes, um castanho e o outro verde, em tons não muito intensos, como chá e água do mar, e é difícil desviar o olhar.

E então me dou conta de que estou encarando o pobre homem.

— Desculpe — gaguejo. — Você meio que me pegou desprevenida.

Pego o guardanapo para enxugar o queixo e, ao olhar para ele, vejo que está vestindo um dólmã branco de chef com um avental amarrado na cintura.

— Ah — volto a dizer. — Ainda não quero pedir nada. Estou esperando uma pessoa chegar.

— Tudo bem.

Ele exhibe uma fileira de dentes tão perfeitos que deixariam qualquer dentista babando e, por sua expressão, parece estar quase arrependido de ter vindo até a mesa. Ou talvez seja só coisa da minha cabeça.

— Mas — continua ele — acho que você está esperando por mim. Você é a Cassie?

— Eu...

Ah, não. Não pode ser. Não é possível que me babe toda na frente do cara para quem pretendo trabalhar.

— Você é o sr. Reid?

Ele faz uma careta.

— Pode me chamar de Aiden, por favor. Assim não me sinto velho.

E ele não é mesmo. Acho. Quer dizer, é mais velho que eu, mas não é velho, *velho*. Aposto que não tem mais de trinta anos. Percebo que ainda o estou encarando boquiaberta.

— Tudo bem — concordo, enquanto tento me recompor.

Em seguida, me afasto da mesa e estendo a mão, um tanto desajeitada.

— Eu sou a Cassie. Cassie Evans.

Ele esboça um sorriso ao ver minha mão estendida, e logo me arrependo do gesto — tão caricato que mais pareço um ator de quinta interpretando o Homem de Lata, de *O Mágico de Oz*. Mas agora não tem como voltar atrás. Ele aceita meu aperto de mão, e imagino que só esteja tentando ser gentil. Em seguida, faz sinal para que eu torne a me sentar e então se acomoda na cadeira diante de mim.

Dou um pigarro e tento esquecer que agorinha mesmo quase cuspi minha água no homem mais gostoso do mundo, de quem espero receber rios de dinheiro para trabalhar como babá. Aí a ficha cai de novo. *Babá*. Estou em uma entrevista de emprego. Ou seja, não é nem um pouco apropriado ficar pensando naquelas mãos enormes. Uma partezinha do meu cérebro percebe que não tem uma aliança à vista.

Dê um tempo, cérebro.

Ainda assim, acho que é melhor parar de olhar tanto para as mãos dele. Mesmo que sejam tão grandes que me façam pensar que já faz um tempão que não saio com alguém.

— Então... — arrisco, meio sem jeito. — Você é cozinheiro. — Solto um grunhido, já arrependida da minha escolha de palavras. — Desculpe. Quis dizer chef. Você é chef de cozinha, não é?

Por sorte, ele não me manda dar no pé. Apenas sorri.

— Isso. Eu cozinho aqui no restaurante.

Ah, e ainda entrou na minha onda.

— Nossa, isso é... incrível. Bem legal mesmo.

Aceno com a cabeça e dou uma conferida nos arredores, observando os candelabros reluzentes e o pianista em um dos cantos.

— É um lugar bem refinado.

— É mesmo — concorda ele. — Trabalho aqui como chef executivo há alguns anos.

— Jura? Que chique.

— Chique mesmo — repete Aiden, parecendo achar graça. — Certo, então... Desculpe ter combinado a entrevista aqui no trabalho. Eu estive muito... hum. Está tudo uma loucura ultimamente.

— Não tem problema. Confesso que achei um pouco estranho isso de fazer a entrevista durante o jantar, ainda mais em um lugar assim, mas aí imaginei que...

Teria sido ótimo se tivesse acontecido *antes* de eu começar a tagarelar, mas a ficha finalmente cai e entendo o que ele realmente quis dizer. Paro de falar e sinto o rosto arder de vergonha, então até me encolho um pouco e cubro os olhos.

— Ai, meu Deus. Não era para ser uma entrevista durante o jantar. Você só queria falar comigo no intervalo do serviço, né?

— Acho que eu deveria ter sido mais... claro no e-mail.

Ai, meu Deus. Ele está tentando passar pano para mim. Alguém me tira daqui.

— Eu sou inacreditável.

— Não, não — insiste ele. — Está tudo bem.

— Nossa, eu sou muito idiota. Ainda botei esse vestido besta e...

— É um vestido muito bonito.

— Você deve achar que eu sou doida.

— Não acho, sério.

— Eu sou tão imbecil às vezes, impressionante. Foi mal.

Ele ainda parece estar achando graça. Como se meu colapso mental o divertisse. Não sei se isso melhora ou piora as coisas.

— Você pode pedir alguma coisa para comer — oferece. — Se quiser. Eu não ligo.

— Hum, valeu, mas acho que estou prestes a vomitar de vergonha. É melhor eu dar no pé, certo? Isso aqui já está um baita desastre.

— Não, espere aí. — Ele estende a mão quando faço menção de me levantar. — Não vá embora.

Eu me detenho. Não é possível que ele ainda esteja considerando a oferta. Ou é? Talvez ele também seja doido.

— Você ainda quer fazer a entrevista?

— Vou ser bem sincero — começa ele, com um suspiro. — O currículo dos outros candidatos não chegava aos pés do seu. Treinada em primeiros socorros, formada em terapia ocupacional com especialização em psicologia? Seu último emprego foi em um hospital infantil? E, quando liguei para pedir referência, todo mundo teceu muitos elogios ao seu respeito. Parecia até que odiavam o fato de você não trabalhar mais lá.

— É, também fiquei bem chateada quando fui demitida — confesso. — Tiveram um problema de verba. Mas eu amava aquele emprego.

— Bem — responde ele, rindo —, azar o deles e sorte a minha, espero. Nem acreditei quando vi seu currículo.

— Mas, agora que me conheceu, está começando a achar que tudo escrevi lá é mentira, né?

Ele deixa uma risada escapar, mal abrindo a boca enquanto baixa o olhar para o tampo da mesa, como se não quisesse que eu pensasse que está rindo de mim. Considerando a tragédia que está sendo a entrevista, ele teria todo o direito de fazer isso.

— Não — nega Aiden. — Não acho que você mentiu no currículo. Mas estou curioso para saber por que uma pessoa com sua experiência está procurando uma vaga de babá...

Afundo na cadeira e solto um suspiro antes de me inclinar sobre a mesa.

— Posso ser totalmente honesta com você?

— Até prefiro que seja — responde ele, chegando mais perto, com uma expressão intrigada no rosto.

— Estou no último ano da especialização e, como mencionei no e-mail, fui demitida porque eles precisavam reduzir o pessoal. Os aluguéis nesta cidade são um absurdo e, para ser franca, eu preciso do dinheiro. E, para ser mais franca ainda, a hospedagem e a alimentação inclusas não são de se jogar fora. Seria uma coisa a menos com que me preocupar.

— Certo. Sobre isso...

Ele franze a testa, e já imagino que esteja prestes a dizer que jamais deixaria uma doida varrida como eu chegar perto de uma criança.

— A oferta é que você more lá enquanto trabalha, mas só para deixar tudo às claras... somos só eu e a minha filha. Você teria seu próprio quarto, é claro, quase um andar inteiro só para você, na verdade... Privacidade

total etc., mas... Quero ser totalmente honesto, caso isso a deixe desconfortável.

Vinte e cinco anos nas costas e a primeira vez que vou dividir o teto com um cara gato vai ser ao estilo *Grande menina, pequena mulher*. Estou morrendo de vontade de perguntar sobre a mãe da garota, nem que seja apenas para dar um basta nessa babação mental, mas meu cérebro diz que é melhor ficar quietinha. Ainda assim, Aiden tem um emprego bacana e um sorriso lindo e não me parece um assassino em série.

Abro meu sorriso mais profissional antes de responder:

— Acho que isso não será um problema. Mas, só para retribuir a honestidade, devo dizer que... faço um curso híbrido na St. Augustine's, em San Marcos.

— O que isso significa?

— A maior parte do curso é on-line, e costumo assistir às aulas à noite depois do trabalho, mas tenho que ir ao campus dois fins de semana por mês. A duração é mais longa do que a do curso tradicional, mas como me banco sozinha, assim fica mais fácil de trabalhar. Quase nenhum dos empregos para os quais me candidatei tinha uma carga horária compatível com a minha agenda, o que só complica as coisas. — Solto uma risada antes de continuar: — Pelo jeito, você é a única pessoa que ficou impressionada com meu currículo. Lanchonetes, mercearias e lojas de departamento? Nem tanto.

Aiden franze a testa, pensativo.

— Não vou fingir que chego em casa cedo toda noite. O meu trabalho é estressante... Na verdade, isso é um baita eufemismo. Às vezes o meu trabalho é um *pesadelo*. Tenho quase todas as manhãs de folga, e tem dias em que só preciso começar a trabalhar no meio da tarde... mas de vez em quando tenho que ficar aqui até tarde da noite. Você acha que seria um problema? Geralmente a Sophie vai para cama às nove. Tenho certeza de que, depois que ela tiver comido e estiver pronta para dormir, você poderia se dedicar aos estudos.

— Sophie? Sua filha?

Aiden abre um sorriso diferente, transbordando carinho e orgulho, um contraste gritante com o lampejo de tristeza que vejo nos seus olhos.

— Isso. Ela é... maravilhosa. Tem nove anos, mas parece bem mais velha. É espertinha, até demais.

— Acho que toda menina é assim — comento e dou risada, pensando em como eu era. — E nos fins de semana em que preciso ir à aula? Geralmente chego mais para o fim da tarde, então ainda poderia preparar o jantar e tudo.

Aiden pondera por um instante.

— Vou dar um jeito. Quer dizer, é o que tenho feito até agora. Em último caso, você poderia vir buscar a Sophie aqui nesses dias? Ela pode ficar jogando videogame no escritório enquanto espera. Hum, ela já está... acostumada, infelizmente.

— Mas a sua filha está de acordo com isso? Essa história de babá e tal?

Aiden assente, pensativo.

— Ela já teve outras babás. Mas nenhuma deu... muito certo. É que... Posso ser honesto de novo?

— Até prefiro que seja — respondo, repetindo o que ele mesmo dissera há pouco.

Aiden ri outra vez e percebo que, se vamos morar juntos, vou ter que me esforçar para não arrancar mais risadas dele. Vai ser para o meu próprio bem. É uma risada muito boa, entende?

— É só que... Eu preciso de uma mãozinha, Cassie. Sem rodeios. Estou tendo que me virar sozinho e é muito mais difícil do que eu imaginava. Ou talvez seja exatamente tão difícil quanto eu imaginava. Sei lá. Às vezes a Sophie é muito... teimosa, e assim fica complicado encontrar alguém disposto a cuidar dela. Já faz semanas que estou procurando uma nova babá, porque queria encontrar a que se adequasse melhor a ela. E a verdade é que nenhuma das candidatas era tão qualificada quanto você. Foram semanas fazendo malabarismo com meus horários, e já estou beirando o desespero.

— Foi uma resposta muito... sincera.

— Pode fugir para as montanhas quando quiser.

O mais estranho é que não tenho a menor vontade de ir embora. Alguma coisa nesse homem de aparência exausta, olhos lindos e risada cativante faz com que seja difícil negar algo a ele. Isso sem contar o salário astronômico que o cargo oferece.

— Como iria funcionar? Se eu aceitasse...

— Bem, eu adoraria que você começasse o mais rápido possível — avisa-me ele. — Talvez você já pudesse começar no sábado? Posso

apresentar a Sophie e mostrar a casa para você. Um tour pelos cômodos e tudo o mais... Se você topa, é claro.

Seria burrice minha não aceitar, né? Quando é que vou ter outra chance dessas? Claro, é um pouco assustador pensar que vou ser diretamente responsável pela filha de outra pessoa, isso sem contar que vou ter que morar na casa deles... Na casa *dele*... Mas mesmo assim... Acho que não estou em posição de recusar uma oferta dessas.

— Tudo bem.

Aceno com a cabeça, os olhos fixos na mesa, enquanto tomo a decisão. Em seguida, encontro os olhos de Aiden mais uma vez e, sem pensar, estendo a mão na direção dele. E me arrependo imediatamente. Sério, qual é o meu problema?

Felizmente, Aiden solta um suspiro aliviado antes de envolver minha mão com a dele, muito maior.

— Então, você quer o emprego?

— Desde que você me queira — declaro em um tom que espero soar confiante.

Tento ignorar a forma como ele arregala os olhos ao ouvir a frase; falei sem pensar, mas agora não adianta chorar sobre o leite derramado. Pelo menos ele está desesperado. Ainda bem.

Acima de tudo, tento ignorar a forma como a mão dele engole a minha.

Conversa com @alacarte :

@alacarte

💰 enviou \$20 de bônus 💰



Amo te ver gozar.



Cassie

QUANDO O SÁBADO CHEGA, Aiden e eu já definimos tudo em relação ao salário e à carga horária. Nesse meio-tempo, consegui me convencer de que vai ser uma ótima oportunidade. Mas talvez eu só esteja tentando aliviar o nervosismo de ter que dividir o teto com um cara gostoso enquanto torço para que a filha dele não me odeie. Por mais que eu esteja confiante em relação à minha nova profissão, Wanda não quer dar o braço a torcer. Enquanto eu terminava de separar as roupas que levaria para a casa de Aiden (uma tarefa fácil, já que não acumulei uma coleção muito significativa ao longo dos anos), ela se encarregou de fazer uma entrevista sobre a *minha* entrevista, determinada a espremer cada detalhezinho a respeito do homem misterioso com quem vou morar, *por bem ou por mal*. (Palavras dela, não minhas.)

— E se ele nem tiver mesmo uma filha?

Reviro os olhos.

— Ele tem.

— Talvez seja apenas um esquema elaborado para atrair você até lá e trancafiá-la no porão.

— Ele mora em uma casa geminada — explico. — Nem deve ter porão.

Não sei se é verdade, já que nunca pisei em uma casa desse tipo, mas Wanda não precisa saber disso.

— Acho melhor estabelecermos um código.

Paro de empacotar as meias e olho para ela.

— Código?

— Isso — responde Wanda, com ar pensativo, do meu sofá-cama (um salve para o futon). — Caso ele a impeça de falar livremente.

— Acho que você anda vendo muito filme policial...

— Ora, quero ver se você vai achar graça quando ele estiver enfiando papinha de bebê na sua boca e obrigando você a se fantasiar.

Dou risada e comento:

— Você sabe que tem gente que tem fetiche nessas coisas, né?

— Mentira!

Sua expressão chocada me faz rir ainda mais.

— Tem gente que paga uma grana alta para dar papinha e brincar de se fantasiar com garotas bonitas.

— Minha nossa. — Wanda balança a cabeça. — Por que não existiam essas coisas na minha época? Teria me poupado um trabalhão na biblioteca.

— Você adorava trabalhar lá — comento.

— Mas teria adorado ainda mais se alguém tivesse me pagado para ficar peladona durante o expediente.

— Em outra vida — continuo, aos risos —, você teria sido uma baita *camgirl*.

— Que bom que você sabe — retruca ela.

Mesmo enquanto jogo as últimas peças de roupa na mala, sinto o olhar de Wanda do outro lado do cômodo. Espero até que a mala esteja cheia e fechada antes de lhe dar atenção.

— O que foi?

— Só quero que você tome cuidado — diz ela, em um tom mais gentil. — Tem muita gente esquisita por aí.

— Eu vou ficar bem — tranquilizo-a, fingindo que toda aquela preocupação não me dá vontade de sorrir.

Por mais que seja rabugenta noventa por cento do tempo, Wanda se preocupa mais comigo do que minha própria mãe se preocupou em toda a minha vida.

— Prometo — continuo. — O salário é excelente e ele foi muito legal comigo. Além do mais, dei uma olhada no Facebook dele e a filha realmente existe.

E é linda. Sério, os genes dessa família são uma covardia.

— E se eu não sentir que a vibe do lugar é boa, vou embora. Ok?

— Vocês, jovens, adoram esse papo de “vibe” — resmungo ela. — Quando eu tinha sua idade, não nos guiávamos por isso, e sim por nossos

instintos.

— Você sabe que é praticamente a mesma coisa, né? Aliás, será que dá pra parar de reclamar e me dar uma ajudinha?

Wanda cruza os braços.

— Tenho que descansar as costas. Vou jogar bingo hoje à noite.

Não peço mais detalhes. Não quero saber se ela precisa estar descansada para a jogatina ou para a noitada com o cara que ela vai acabar trazendo para casa mais tarde. Wanda e Fred Wythers brigaram na semana passada, então imagino que ele seja carta fora do baralho.

— Não é você que vive dizendo que está velha, não morta?

Ela mostra o dedo do meio para mim, e dou risada.

— Ei, você sabia que a unha desse dedo aí é a que cresce mais rápido?

— Ah, lá vem você com essas curiosidades tiradas da tampinha de Snapple.

Abafo um sorriso e volto a empacotar as coisas. Depois de guardar tudo em várias caixas e malinhas, dou um aceno satisfeito com a cabeça. De alguma forma, o lugar parece maior agora que está quase vazio. Os móveis vão continuar aqui, onde já estavam quando me mudei. E eu nem precisaria deles mesmo; meu quarto na casa de Aiden é todo mobiliado.

Sinto um friozinho na barriga quando me lembro de que vou viver sob o mesmo teto que Aiden Reid.

— Acho que é isso — declaro para Wanda.

— Pois é — concorda ela, espiando as malas espalhadas pelo chão. — Tenho certeza de que o próximo inquilino vai ser algum esquisitão.

— Talvez seja sua alma gêmea.

— Não preciso disso — reclama ela.

Não tem como não admirar a independência dessa mulher. Wanda nunca se casou e, até onde sei, sempre esteve pulando de homem em homem. Ela faz parecer divertido, não me levem a mal, mas de vez em quando com certeza deve bater uma solidão. Gosto de pensar que precisávamos uma da outra quando nos conhecemos. Ela se tornou uma espécie de mãe substituta e melhor amiga, e fez questão de me acolher em sua vida e me tratar como a filha que nunca teve. Para ser sincera, não sei se eu sabia o verdadeiro significado de afeto antes de conhecê-la.

— E você tem certeza de que isso é uma boa ideia? Você ainda pode fazer os vídeos de peitinho, sabe...

Reflico por um momento, ciente de que Wanda gosta de viver através da minha empreitada no OnlyFans (sério, essa mulher nasceu para ser *camgirl*). E eu ganharia uma boa grana se conseguisse reconstruir minha base de assinantes, mas não tenho coragem. Não depois do que aconteceu.

— Tenho certeza — respondo, mais para mim do que para ela. — Você pode dizer que vai sentir saudade de mim, sabe?

— Saudade de você? — resmunga ela enquanto me dá um tapinha no ombro. — Se não vier me visitar, eu vou atrás de você.

Eu a puxo para um abraço, sentindo a fragrância familiar do seu perfume White Diamonds e um toquezinho de talco, algo que sempre achei estranhamente reconfortante.

— Vai ser ótimo. Você vai ver.

Wanda ainda não parece disposta a dar o braço a torcer, e, quando começo a empilhar meus últimos pertences antes que o pessoal da mudança recolha tudo no dia seguinte, me esforço ao máximo para me sentir tão confiante em relação a isso tudo quanto finjo estar.

Aiden mora em um condomínio fechado, uma área residencial tranquila repleta de casas de três andares. A dele, em particular, tem um jardimzinho adorável, cercado por uma parede de tijolos e um portão de ferro. Meu Toyota velho parece destoar em meio às várias fileiras de casas refinadas, mas, para ser sincera, eu mesma também não me encaixo muito bem aqui. Dou mais uma olhadinha no e-mail para ver se estou no número certo e depois destranco o portão, sentindo uma pontinha de nervosismo conforme me aproximo da porta de entrada.

Ajeito a alça da mala no ombro e finalmente crio coragem para tocar a campainha. Só trouxe o essencial para passar a noite, já que o resto da mudança vai chegar amanhã. De repente, a ficha cai. Vou *morar* com duas pessoas que eu mal conheço! E se Aiden for um esquisitão ou algo do tipo?

Ai, meu Deus.

Tento pescar o celular no bolso para avisar Wanda de que cheguei, mas no meio do caminho a mala escorrega do ombro e cai no chão, com o zíper meio aberto, despejando uma parte dos meus pertences pela varanda. Eu me ajoelho e começo a recolher os itens espalhados. Era só o que me

faltava. Já imaginou se meu novo chefe dá de cara comigo catando minhas calcinhas na frente da casa dele?

— Droga, droga, droga.

E o universo deve estar querendo tirar uma com a minha cara, porque é assim mesmo que Aiden Reid me encontra na varanda: derrotada, com as calcinhas na mão, xingando a torto e a direito. Mas, pensando bem, a julgar pelas manchas de farinha na camiseta (*justinha, bem justinha*) e no avental preto que ele está usando — sem falar que até as bochechas dele estão sujas — e pela... gosma pegajosa que escorre da calça (que não é tão justa, mas ainda assim chama atenção), acho que talvez desta vez estejamos quites.

— Você está... — começo, enquanto avalio sua aparência desgrenhada.
— Bem?

O olhar dele se desvia de mim — ainda de cócoras no chão — e passa pela calcinha verde neon com estampa de coraçõezinhos na minha mão antes de se fixar no meu rosto.

— *Você* está bem?

— Ah...

Sinto um arrepio na nuca enquanto guardo as calcinhas na mala, depois ajeito a alça no ombro e fico de pé.

— Tudo certo — continuo. — Foi só um acidente.

Estou decidida a ignorar o fato de Aiden ter acabado de ver minha calcinha, então simplesmente aponto para a calça melecada dele e pergunto:

— Pelo jeito também rolou um acidente aí, né?

O rosto dele assume uma expressão resignada, e sinto um friozinho na barriga ao ouvir o suspiro silencioso que ele deixa escapar.

— Pois é.

Ele avalia as manchas na camiseta antes de abrir um sorriso tímido.

— Você... — volta a dizer, e então morde o lábio. É melhor eu não pensar muito nisso. — Por acaso você entende de panqueca?

— Se eu entendo de panqueca?

Aiden assente, depois aponta para a escadaria atrás dele.

— Venha, vamos subir.

Eu o sigo até o topo da escada, que parece terminar em uma área que consiste numa sala e cozinha. Quando nos aproximamos da bancada, avisto

uma garotinha com os cabelos da mesma cor que os de Aiden. Os lábios estão contraídos em um beicinho, e ela parece mais séria do que nas fotos que vi no Facebook. Logo percebo que a bagunça nas roupas de Aiden se estende até o chão da cozinha e metade da bancada.

— Nós, hum... queríamos fazer um agrado para você — explica Aiden.
— Para comemorar seu primeiro dia aqui.

— O *papai* queria fazer isso — retruca a garotinha, alto o suficiente para eu ouvir.

Aiden lança um olhar severo para a filha. Fica bem nele. Mas é melhor eu não pensar muito nisso também.

— Nós achamos que você ia gostar de umas panquecas, mas... ah... Que vergonha.

— Pelo jeito você está com alguns probleminhas — comento, achando graça. — Parece que passou um furacão por aqui.

Aiden fita os próprios pés, como uma criança que quebrou um vaso e não sabe como contar à mãe.

— Eu derrubei a tigela cheia de massa. Aí fiz a maior bagunça.

— Bem — começo a dizer, e deixo meu olhar recair sobre ele outra vez, para fins puramente investigativos, claro —, eu posso dar um jeito.

— É que... não levo muito jeito para fazer panqueca — admite ele, quase como se isso lhe doesse.

Inclino a cabeça para o lado.

— Ué, mas você não é chef de cozinha?

— O restaurante não serve panqueca.

Os lábios dele se contraem em algo que parece um beicinho, e não deveria funcionar em um homem desse tamanho, mas fica bem nele.

— Além do mais, a Sophie vive dizendo que não gosta de panqueca, mas acho que na verdade ela só não gosta das que *eu* faço... Então agora é questão de honra. Eu ia testar uma receita nova, mas aí... — Ele aponta para a cozinha bagunçada. — As coisas obviamente não saíram conforme o esperado.

Abro um sorriso para ele, percebendo que realmente precisa de uma mãozinha.

— Minha nossa.

Deixo a mala na lateral da escada e começo a analisar o ambiente. É uma cozinha elegante e moderna, com armários pretos e bancada de

mármore cinza — tudo o que se espera de uma casa de luxo nesta vizinhança. Os azulejos têm quase o mesmo tom da bancada, talvez um pouco mais claros, e se estendem até a beira da sala de estar logo adiante, onde se mesclam com o carpete acinzentado e os móveis pretos de couro.

Pelo jeito Aiden não é lá muito fã de coisas coloridas.

— Que lugar lindo — elogio. — Gostei da... paleta de cores.

Quando olho para trás, vejo o olhar ressabiado de Aiden.

— Eu... gosto de preto.

— Jura? Eu nem tinha percebido — brinco. Em seguida, noto que ele ainda está todo melecado. — Ah, é. As panquecas. — Dou uma olhada na cozinha. — Você tem outro avental?

Aiden vai até um armário alto e estreito ao lado da geladeira preta de aço inoxidável e pega um avental (adivinhem) preto. Passo as tiras pelo pescoço e estendo as mãos para amarrar a parte de trás enquanto sorrio para a menina, que ainda me avalia dos pés à cabeça do seu lugar na bancada.

— Você deve ser a Sophie — arrisco. — Meu nome é Cassie.

— Você é minha nova babá — declara ela em um leve tom de amargura.

— Isso mesmo. Fiquei sabendo que você já teve várias.

— Só quatro — murmura a garotinha.

— Quantos anos você tem, Sophie?

— Nove.

— Uau. Você já é uma mocinha. Não deve nem precisar de babá.

— Foi exatamente o que eu disse — reclama ela. — Eu sei me cuidar.

— É claro que sabe — concordo com um aceno sério, depois chego mais perto e baixo o tom de voz. — Cá entre nós... eu estava precisando de companhia. Não tenho muitos amigos, sabe? Quase tive que implorar ao seu pai para me dar o emprego, entende?

Sophie parece desconfiada, fica com os lábios contraídos por uns bons segundos antes de finalmente pousar o olhar sobre o balcão.

— Eu também não tenho muitos amigos.

— Bem... nós poderíamos ser amigas. Quem sabe? O que você acha?

Sophie me olha de cima a baixo, parecendo considerar a oferta.

— Você é bonita — diz, por fim.

— Não tão bonita quanto você — respondo. — Olhe só essas sardas!

Sophie estreita os olhos.

— Não tem nada de bonito nisso.

— Você tem razão — comento, com um suspiro, antes de apoiar as mãos no quadril. — Sardas não são bonitas, são *maravilhosas*.

Sophie revira os olhos, mas a vejo esboçar um sorriso. Ela não puxou a heterocromia do pai, mas seus olhos são do mesmo tom de verde suave do olho direito de Aiden e combinam perfeitamente com a cor do cabelo. Ela já é linda, mas dá para ver que vai ser estonteante quando ficar mais velha. Sério, que genética abençoada.

— Muito bem — prossigo. — Então vamos limpar essa bagunça primeiro, que tal?

Aiden continua parecendo perplexo, como se não acreditasse que foi capaz de estragar um preparo tão simples, mas se arrasta em silêncio até um armário estreito e pega uma vassoura e um esfregão.

— Desculpe — pede ele. — Nós realmente queríamos fazer um agrado para você.

Encolho os ombros, depois pego o elástico de cabelo no meu pulso e faço um rabo de cavalo.

— Não tem problema. A Sophie e eu vamos dar um jeito nisso.

— Por que eu tenho que ajudar? — questiona ela.

— Ora, para fazer panquecas, vou precisar de uma ajudante — respondo em um tom sério. — E você parece a garota perfeita para o trabalho.

Ela ainda não parece confiar muito em mim, mas o desejo por panquecas deve ser maior do que a desconfiança, pois logo salta da banqueta e vem na minha direção.

— Pode ser — concorda.

E não sorri de jeito nenhum.

Já fui com a cara dela.

As coisas correram de forma muito mais tranquila na segunda tentativa. A bagunça foi arrumada, e o chef de cozinha grandalhão (que não sabe fazer panquecas de jeito nenhum) e sua versão em miniatura cantarolam diante da massa coberta de xarope de bordo.

— Isso está tão gostoso — elogia Sophie. — O papai nunca acerta. As dele ficam todas molengas.

— Ah, então você só não gostava das minhas mesmo, né? — protesta Aiden, lançando um olhar ofendido para as panquecas. — Eu deveria comprar um mixer que preste.

Sorrio e dou mais uma garfada.

— Como é que você não tem um mixer?

— Não sou muito dessas coisas.

— Dá para ver — comento com um sorrisinho. — Você sabe que dá para comprar a mistura pronta, né?

— Mistura pronta contraria cada fibra do meu ser — zomba Aiden.

Mantenho a expressão séria e aponto para a pilha de louças na pia.

— Ah, claro. Aquilo ali é bem melhor mesmo.

— Agora a Cassie é a fazedora oficial de panquecas — declara Sophie, sem rodeios.

Aiden me lança um olhar agradecido, e preciso reunir todas as minhas forças para não mergulhar no brilho conflitante dos seus olhos.

— Acho que, pelo bem da cozinha do seu pai, é melhor assim mesmo — concordo, impassível.

Aiden abafa uma risada.

— Todo mundo só sabe criticar...

Quando esvaziamos os pratos e descansamos os garfos, Sophie dá um tapinha na própria barriga, com um sorrisinho satisfeito no rosto.

— Até que você é legal — diz ela para mim, tratando de substituir o sorriso por uma expressão mais severa. — Mas não pode entrar no meu quarto.

— Eu jamais faria isso — prometo. — Mas você pode entrar no meu, se quiser. Amanhã minhas coisas chegam, e eu tenho jogos de tabuleiro. — Viro-me para Aiden. — Aliás, onde fica o meu quarto?

— Ah, é. Verdade.

Ele desce da banquetta e, quando tira o avental, os músculos dos seus bíceps se contraem sob o tecido justo da camisa de algodão. Não me lembro de já ter reparado nesse tipo de coisa antes.

— Fica lá embaixo — continua ele. — Posso mostrar para você...?

— Maravilha — respondo, descendo da banquetta a apanhando a mala que deixei na lateral da escada. — Pode ir na frente.

— O primeiro andar vai ser todinho seu — explica Aiden quando já estamos quase lá. — É um quarto com banheiro integrado e TV, então já deve ter tudo de que precisa, mas, se faltar alguma coisa, é só me avisar.

Ele faz sinal para que eu abra a porta à nossa frente, e de repente me vejo em um cômodo maior do que meu apartamento. Lençóis cinza (quem diria) revestem a cama queen size com dossel, e a cômoda e as mesinhas de cabeceira são de um tom de preto elegante que combina com toda a decoração da casa. Observo o quarto, boquiaberta, tentando me lembrar se já dormi em uma cama tão boa assim. Duvido muito.

— Se você quiser mudar alguma coisa — começa Aiden baixinho —, a gente pode...

— Está perfeito. Sério, isso aqui deixa o meu apartamento no chinelo. Ouço seu suspiro aliviado.

— Que bom. Quero que você se sinta à vontade aqui.

— Nossa, você teve um baita azar com as babás, hein?

— Você nem imagina. — Aiden se apoia no batente da porta. — A Sophie já passou por muita coisa. Acho que é por isso que ela faz birra às vezes. Sempre me esforço para fazê-la se abrir comigo e falar sobre o assunto, mas ela... — Ele puxa o ar pelo nariz, depois solta pela boca e balança a cabeça. — É como se nem falássemos a mesma língua.

— Aconteceu alguma coisa para... — Largo a mala no chão, depois coço o pescoço, um pouco desconfortável. — Não quero me intrometer, mas acho que eu preciso... Só para não fazer algum comentário insensível sem querer, sabe? A mãe da Sophie... Ela...?

O silêncio reina por um momento, e Aiden morde o lábio como se tentasse decidir a melhor forma de abordar o assunto. Sei que deve existir uma história e odeio ter que perguntar uma coisa dessas já no meu primeiro dia, mas odeio a ideia de meter os pés pelas mãos e acabar falando o que não devo.

— Ela faleceu — conta Aiden por fim, quase sussurrando. — Já faz quase um ano. Teve um AVC.

— Meu Deus. — Eu estava esperando um divórcio conturbado ou algo do tipo. Não isso. — Que coisa horrível. Eu sinto muito por sua perda.

— Foi tudo tão... repentino. Ninguém esperava. Ela era tão nova... — Aiden suspira, depois passa os dedos pelo cabelo. — Ela era maravilhosa.

— Era uma mãe incrível. Muito melhor nisso do que eu. Ainda estou tentando descobrir como dar conta de tudo sem ela.

De repente, me sinto *ainda* pior por todos os meus pensamentos insistentes a respeito das mãos dele, sejam voluntários ou não.

— Eu sinto muito mesmo — digo, sem jeito. — Vocês foram casados por quanto tempo?

Aiden parece um pouco confuso.

— Quê? Ah, não. Nós não éramos casados. Nem estávamos juntos.

Devo ter feito uma expressão de perplexidade, porque ele logo trata de esclarecer:

— A Sophie foi... hum... inesperada. A Rebecca e eu nos conhecemos em uma festa no nosso último ano na faculdade e continuamos saindo vez ou outra. Quando ela descobriu que estava grávida, até tentamos namorar, mas logo ficou claro que nunca daria certo entre nós dois. Mas fizemos o possível para compartilhar a guarda da Sophie de um jeito tranquilo. Pelo bem da nossa filha.

— Ah. — Começo a fitar o chão, ainda sem jeito. — Deve estar sendo bem difícil para a Sophie.

— Está mesmo — concorda Aiden. — Desculpe por despejar tudo isso do nada. Achei que saber toda a história poderia ajudar você a entender melhor a minha filha.

— Não precisa se desculpar. Fico feliz que tenha me contado — respondo com franqueza. — Obrigada.

— Para ser sincero, eu deveria ter sido mais presente nos últimos anos. Quando fui promovido a chef executivo, as coisas ficaram tão agitadas que eu... não dediquei tanto tempo quanto deveria à minha filha. E agora estou pagando o preço.

Sinto uma pontada de compaixão por Sophie, pois sei muito bem como é ficar em segundo plano em relação à carreira dos pais. Ainda assim... Pelo menos parece que Aiden está se esforçando.

— Bem, nunca é tarde demais, certo? — Abro um sorriso encorajador. — Ela ainda é tão novinha. Você vai dar um jeito.

Aiden retribui o sorriso.

— Espero que você esteja certa.

O cômodo enorme parece menor agora que estou sorrindo feito uma idiota para o homem lindo parado à minha porta, e por fim tenho que fingir

que estou apenas lançando um olhar distraído aos arredores, admirando o quadro de... ai, meu Deus. Por acaso é uma pintura de fumaça? Fumaça abstrata? Preciso trazer um pouco de cor a essa casa, *urgente*.

— Enfim... — Aiden deve ter percebido que estou sem jeito, pois se afasta da porta. — Eu vou... deixar você desfazer as malas.

— Eu não trouxe muita coisa — admito. — O resto da mudança vai chegar amanhã.

— Tudo bem. Então... posso terminar de mostrar a casa quando você tiver terminado. A área de estar fica no andar de cima. O meu quarto e o da Sophie ficam no terceiro andar.

— Legal — respondo.

Por que isso seria legal? Por que eu disse que era legal? As pessoas ainda falam assim?

— Ok, vou deixar você arrumar suas coisas — despede-se Aiden.

Prendo a respiração até ele sumir de vista, depois praguejo baixinho pelo meu comportamento *nada* legal. Até parece que nunca vi um cara gostoso na vida. Mas, pensando bem, eu nunca *morei* com um cara gostoso. Especialmente com um que tenta (e não consegue, mas de um jeito fofo) fazer panquecas e se preocupa em estreitar laços com a filha.

É só um trabalho, trato de me lembrar. *Só um trabalho*.

Aposto que os lençóis de Aiden também são pretos.

Não que eu esteja pensando nisso.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A babá"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).